

A Mulher Trabalhadora

Nadejda Konstantinovna Krupskaja

Traduzido por: Maria Fernanda Alves Garcia Montero (Marcha Mundial das Mulheres),
Nathalia Parra, Joice Oliveira.

INTRODUÇÃO

Este livreto foi escrito há muito tempo, em 1889, na aldeia siberiana de Shushenskoye, na região de Minusinsk, província de Yenisei, onde fui exilada junto com Vladimir Ilyich [Lênin]. Como era meu primeiro livro eu me senti muito nervosa sobre se eu conseguiria escrevê-lo. Vladimir Ilyich me incentivou. Nessa altura, o folheto não poderia ser publicado livremente, pois eu seria presa por isso. Ele só poderia ser publicado em segredo, de forma ilegal. Em 1900, juntamente com Plekhanov, Akselrod, Zasulich, Martov e Potresov, Vladimir Ilyich foi para o exterior para editar o *Iskra* como um jornal nacional para a distribuição ilegal na Rússia. Eu permaneci exilada na cidade de Ufa. Vladimir Ilyich mostrou o manuscrito de *A Mulher Trabalhadora* para Vera Ivanovna Zasulich, uma antiga revolucionária de quem eu gostava muito e cujo julgamento eu respeitava. O comentário de Vera Ivanovna foi: “O folheto contém algumas imprecisões, mas ela pega o touro pelos chifres” e então recomendou a publicação. *Iskra* imprimiu este folheto e foi reimpresso em uma imprensa subterrânea/clandestina na Rússia. Foi apenas em 1905 que ele poderia ser abertamente impresso e distribuído. Foi assinado por “Sablina”, um pseudônimo que foi usado algumas vezes por mim. Em seguida, foi banido novamente.

Vinte e cinco anos se passaram desde 1900 e tem havido muita agitação no mesmo período. Eram as revoluções de fevereiro e outubro. A classe trabalhadora chegou ao poder. As condições da classe trabalhadora mudaram e de muitas maneiras, assim como as condições para a mulher trabalhadora e camponesa. Leis mudaram. A lei soviética protege os direitos da mulher trabalhadora e camponesa. Vladimir Lênin escreveu com paixão e maravilhosamente bem sobre as condições da mulher operária, sobre seus direitos e sobre a necessidade de trazê-la para o funcionamento do Estado. Muitas destas boas ideias também foram mencionadas por outros camaradas. As seções de mulheres do Partido Comunista têm aumentado muito sua atividade e com o passar do tempo as mulheres trabalhadoras e camponesas estão se tornando mais politicamente

conscientes, autoconfiantes e participando cada vez mais na construção de uma nova vida.

As linhas de *A Mulher Trabalhadora* empalideceram com a idade. E ficaram no passado.

No entanto, relendo o folheto pensei que eu deveria concordar com a proposta dos camaradas para uma reedição deste velho livro. Quando se compara a descrição da condição da mulher trabalhadora daquela época com a de hoje, vê-se o quanto se avançou. Mas também vê-se o outro lado; que ainda há muito que não feito, e como obstinadamente é preciso trabalhar ainda mais para alcançar a plena emancipação da mulher trabalhadora.

Dê uma olhada sobre sua própria vida, na vida das mulheres trabalhadoras que você conhece e você vai dizer nas palavras de Negrósov: “Oh, mas a sina de uma mulher é difícil, quase não se pode encontrar sina mais difícil do que a da mulher.” Seja na aldeia ou na cidade, a mulher trabalhadora continua sendo “uma eterna, uma perpétua trabalhadora. ” Para ela sobra, senão menos, mais trabalho do que ao homem. Ela compartilha a mesma pobreza, desnutrição e perda de sono, mas encontra mais sofrimento e humilhação.

Negrósov tem um poema *A quem na Rússia é dado para viver bem*, em que uma camponesa, ao contar de sua vida amarga, diz que uma mulher uma vez lhe disse que um peregrino revelou que “as chaves para a felicidade para uma mulher, para a alegre felicidade da liberdade foram esquecidas e perdidas pelo próprio Deus ... Perdidas! Basta pensar nisso, um peixe as engoliu... Quanto ao peixe que engoliu as chaves preciosas e em quais mares que vagueia - Deus se esqueceu! ” A camponesa servil só poderia reclamar e viver na esperança de que talvez Deus se lembre onde as chaves estão escondidas. A trabalhadora da fábrica desistiu de esperar por isso e agora começa, ainda apenas tateando quase inconscientemente, a procurar as chaves ela mesma. Quanto ao local onde a mulher deve procurar as chaves, “as chaves para a felicidade, para a alegre felicidade da liberdade” - é exatamente sobre isso que trata este livro. Vamos examinar as condições da mulher trabalhadora, da mulher camponesa envolvida no trabalho doméstico ou na fábrica ou oficina. Veremos que as condições de uma mulher trabalhadora são particularmente difíceis porque ela é um membro da classe operária, que suas condições estão intimamente ligadas com as condições de toda a classe trabalhadora e que somente a vitória da classe trabalhadora, do proletariado, pode libertar as mulheres. Além disso, vamos examinar também o estado de dependência ao

qual a mulher trabalhadora é submetida dentro da família, a subjugação das mulheres aos homens. Vamos apontar as razões para esta dependência e mostrar que a mulher só pode ganhar uma posição de total independência em simultâneo com a vitória do proletariado.

Finalmente, vamos demonstrar que, como uma mãe, a mulher trabalhadora tem interesse nesta vitória. Somente de braços dados com a causa dos trabalhadores é que as mulheres podem encontrar as chaves para “a alegre felicidade da liberdade”.

CAPÍTULO I

A mulher como membro da classe operária.

Vamos examinar as condições da mulher trabalhadora, começando pela camponesa. Ela precisa lidar com todos os tipos do pesado trabalho de campo, sem descanso, dia e noite, pois em muitos lugares as mulheres lavram e colhem junto aos homens. Além disso, elas ainda são as responsáveis por cuidar das aves e do gado, pelas tarefas domésticas, pela confecção de roupas e por cuidar das crianças; de fato, é impossível listar todas as tarefas/trabalhos que cabem à mulher camponesa.

A vida é particularmente difícil para a mulher em uma família pobre. Além do trabalho pesado há também a miséria implacável, as preocupações, a humilhação e a tristeza. Concomitantemente, a destruição/ruína das aldeias tem avançado cada vez mais nos últimos anos. Poucos lares estão em condições relativamente melhores, mas a maioria está empobrecida, de uma maneira ou de outra. Mesmo aquelas que estão em condições medianas estão começando a empobrecer. As pessoas estão ficando mais baixas, mais fracas, envelhecendo cada vez mais cedo, ano após ano, e aumenta cada vez mais o número de lares que não possuem sequer um cavalo ou possuem apenas um.

Atualmente, na Rússia, há aproximadamente três milhões de famílias sem cavalo e o mesmo número de famílias com apenas um cavalo, de um total de dez milhões de famílias. Que tipo de lar pode ser aquele sem um cavalo ou com apenas um! Como pode alguém trabalhar a terra de forma apropriada sem um cavalo? A terra, quando mal trabalhada e mal fertilizada, fornece um retorno muito baixo. Uma terra excessivamente arada e cansada não é capaz de produzir alimento para um camponês e sua família. O camponês precisa de pão para alimentar sua família e de dinheiro para pagar os impostos, ao mesmo tempo que a necessidade o persegue, dessa forma, ele se torna um devedor insolvente em relação ao kulak (camponês um pouco mais bem sucedido, com

algumas posses a mais). Assim, o camponês é forçado a assinar contratos a termo¹, que o comprometem a pagar sua dívida com seu trabalho. De mãos e pés atados, o camponês acaba se tornando uma espécie de trabalhador contratado por aquele que lhe emprestou grãos ou dinheiro. Na realidade, o camponês apenas nominalmente permanece proprietário da terra, pois se torna um trabalhador contratado por outros, a fim de alimentar a si próprio e à sua família. Mas ele não vive melhor do que um trabalhador contratado de fato, se alimentando apenas de pão e, assim, se mantém apenas meio faminto. A subnutrição constante drena as suas forças e quase sempre leva à ruptura da família, à medida que os seus membros se dispersam à procura de trabalho remunerado. Em algumas províncias, quase que anualmente uma grande parte das famílias camponesas pobres se dispersa por trabalho. Muito frequentemente as famílias vivem numa penumbra e em cabanas pouco aquecidas.... Não há reservas disponíveis para um dia chuvoso e as pessoas vivem dia após dias apenas para que cada colheita falha traga fome e desastre.

Nos últimos 100 anos o povo russo passou por 51 momentos de escassez absoluta, ou seja, uma colheita falha a cada dois anos, aproximadamente. A fome se torna um aspecto normal/comum da vida. A fome das recentes décadas é ilustrada pelos horrores da total ruína, do escorbuto, das doenças causadas pela fome, e pelas mortes decorrentes que acometem o camponês pobre.

Milhões de pessoas sofrem com a fome e a vida da mulher camponesa nessas famílias atingidas pela pobreza é de difícil descrição. Ela, assim como seu marido, batalha com a poeira, a lama e o frio por um pequena pedaço de terra cultivável; compromete-se a trabalhar para um grande senhor de terras vizinho ou para um confrade deste, um camponês mais bem sucedido; luta para ganhar um centavo adicional para pagar os impostos e as dívidas, sente fome, fica doente de fome, cuida dos filhos e trabalha incansavelmente, assim como seu marido. A mulher aprecia qualquer ganho extra, trabalhando como diarista, e vai a pé para outras províncias em busca de trabalho.

Deixando as províncias onde as parcelas de terra são pequenas e o solo é pobre, a cada primavera dezenas de milhares de trabalhadores, sendo que quase metade destes são mulheres jovens solteiras e adolescentes, se mudam para o sul do país, para regiões

¹ Um contrato a termo é um acordo não padronizado entre duas partes para comprar ou vender um ativo em uma data no futuro a um preço previamente fixado e acordado (nota da tradutora)

como as ocupadas pelo exército de Don², Tavria (região da Crimeia) e Yekaterinoslav (atual cidade de Dnipro, na Ucrânia), e regiões do Cáucaso. Vão a pé, sobrevivem de esmolas, vagando de cidade em cidade até encontrarem trabalho. Aqueles que os contratam não lhes dão nada arbitrariamente/altruisticamente, se aproveitando ao máximo da impotência daqueles que procuram emprego, sendo que dentre estes, é ainda mais difícil para as mulheres. Há raros avisos de audiências nos jornais, o que ilustra os horrores das situações em que estas jovens mulheres se encontram quando procuram trabalho.

Na maioria das províncias, as aldeias dedicam-se não só à agricultura, mas também à chamada produção artesanal familiar. Fazem trabalhos manuais em casa e grande parte do que produzido é vendida para um revendedor. As produções familiares são várias: tecelagem, confecção de chapéus, tricô, curtimento, cerâmica, fazer candeeiros, pregos, talheres, samovares, rodas para carroças, colheres, imagens sacras e muito mais. É muito comum que todos os membros familiares estejam envolvidos com a produção artesanal da família, incluindo mulheres e crianças. As crianças começam a trabalhar entre as idades de 5 e 8 anos. Também existem produções especificamente femininas, tais como confecção de rendas e costura com franjas de tecido. As mulheres muitas vezes realizam atividades muito pesadas, como por exemplo pisar argila, bater lã, confecção de pregos, e na forjas, manejando o martelo, dentre outras coisas. Os ganhos da produção artesanal familiar são insignificantes. Assim, os sapateiros de Kimry recebem quatro ou cinco rublos³ por mês e produzem a sua própria comida; tecelões na região de Medyn, na província de Kaluga, e fabricantes de rendas da província de Moscou recebem 10 kopeks (centavos de rublos) por dia e assim por diante. Trabalha-se de 16 a 19 horas por dia. Para se ter uma imagem de como é a produção artesanal familiar, tomemos como exemplo a produção de tapetes e da maioria dos calçados usados pelos camponeses a partir de fibra de casca de árvore - floema -, que é difundida nas províncias de Kaluga, Viatki, Kostroma, Nizhnegorod, dentre outras. O trabalho dura até 18 horas por dia e envolve a família toda.

As crianças começam a trabalhar colhendo o floema com cinco anos, e a partir dos oito anos trabalham da mesma forma que os adultos. O inverno dura seis meses, e durante esse período um apto grupo de quatro pessoas recebe entre 20 e 25 rublos.

² O Exército de Don era o exército da república de Don (que teve curta duração) e fazia parte do movimento Branco na Guerra Civil Russa. Operou de 1918 a 1920, na região do rio Don

³ Atualmente, um Rublo Russo vale 0,068 de Real Brasileiro

Quando chega a primavera, os trabalhadores estão tão fracos que cambaleiam como se estivessem bêbados. A triste e degradante condição do serralheiro da vila de Pavlov que trabalha em casa correndo do comprador para o credor/agiota e de volta para o comprador é o que melhor caracteriza o costume de "penhorar as esposas" da vila de Pavlov. Mesmo trabalhando arduamente, uma família não consegue receber o suficiente para render da compra de mercado feita na segunda-feira até o dia seguinte, e por isso precisa passar o resto da semana procurando renda adicional. Assim, a cada semana eles precisam penhorar o que produziram.

No dia do mercado, o trabalhador rural/camponês leva uma amostra de suas mercadorias a um comprador e, quando um preço é acordado, compromete-se a entregá-las em um horário determinado. No entanto, as mercadorias estão penhoradas como garantia para o credor, e o camponês não tem como entrar em acordo com ele, assim, o camponês leva sua esposa ao estabelecimento do credor, pega as mercadorias prometidas para entregar ao comprador e deixa a esposa ali como garantia até que ele volte com o pagamento obtido com a venda das mercadorias. Dessa forma, o camponês e sua esposa são forçados a se deslocar constantemente.

A cada ano que passa, a crescente pobreza leva o trabalhador rural em direção à cidade. O trabalho na produção familiar se alterna com o trabalho na fábrica. O mesmo acontece com mulher camponesa. O trabalho feminino é amplamente usado em muitas fábricas, principalmente para fiação de algodão e processamento de lã e seda. Em fábricas de algodão há mais mulheres trabalhando do que homens. Por outro lado, em outros tipos de produção, como a fundição de aço, quase não há mão de obra feminina.

O número total de mulheres trabalhando em fábricas em 1890 na Rússia era de aproximadamente 250 mil mulheres e, desde então, esse número tem aumentado consideravelmente. No locais em que o trabalho feminino se tornou comum, como nas fábricas de algodão, os salários das mulheres, embora sejam menores do que os dos homens, não o são consideravelmente. Um pesquisador calculou que o salário das mulheres compõe cerca de 4/5 do salário dos homens nessas fábricas. Nos locais em que as mulheres trabalham lado a lado com os homens, elas produzem tanto quanto eles. É preciso destacar, no entanto, que nessas fábricas o salário dos homens é relativamente baixo e quase não é o suficiente para sobreviver.

No locais em que se encontra a mão de obra feminina apenas ocasionalmente, o salário das mulheres é tão baixo que é impossível sobreviver só com ele, então este salário serve apenas para complementar a renda familiar, e se por acaso a mulher vive

sozinha, então a pobreza a força a vender não apenas sua força de trabalho, mas também a si mesma. A prostituição fornece a renda adicional necessária. Na fábrica, a mulher trabalha a mesma quantidade de horas que o homem (de acordo com uma lei de 02 de junho, são 11 horas e meia). A lei não especifica um limite para a duração do dia de trabalho da mulher. Na nossa legislação fabril há apenas um decreto acerca do trabalho feminino, e ele proíbe o trabalho noturno na indústria têxtil⁴. Mas se a mulher trabalha nas mesmas instalações que o chefe da família, ou seja, seu pai ou marido, então ela está autorizada a trabalhar à noite. Costumam trabalhar em edifícios abafados, empoeirados, superaquecidos ou úmidos em trabalhos exaustivos e monótonos. Ditas condições de trabalho prejudicam a saúde da mulher no mesmo nível que a fome e moradia precária. Além disso, a comida grosseira e pesada, que pode ser mais facilmente suportada quando se está envolvido(a) em trabalho físico ao ar livre, para o organismo enfraquecido do(a) trabalhador(a) da fábrica ela pode ser muito prejudicial. Soma-se a isso o fato de que as mulheres normalmente se alimentam pior do que os homens. As mulheres organizam suas próprias cooperativas de preparação de comida, mas a qualidade dos alimentos disponíveis é pior do que a dos disponíveis para os homens, e se elas se juntam às cooperativas dos homens, elas gastam menos, mas precisam abrir mão da carne.

O salário de uma mulher é menor do que o de um homem e ela é forçada a economizar na comida. A moradia nos distritos fabris é de péssima qualidade, suja e excessivamente custosa. São tantas pessoas se amontoando em um mesmo lugar para passar a noite que os proprietários destes nem mesmo sabem quantas pessoas estão vivendo ali. O mau cheiro chega a ser sufocante. Por exemplo, em São Petersburgo, os alojamentos nas áreas fabris são mais caros do que os na Avenida Nevsky (principal avenida de São Petersburgo). O aluguel de pernoite para dois em uma cama pode ir de 1 rublo e 25 kopeks até 4 rublos por mês. A situação não é melhor nos dormitórios das próprias fábricas. Não é surpresa, então, que vivendo em ditas condições as mulheres trabalhadoras das fábricas desenvolvam todo tipo de doença. Mulheres sofrem mais do que os homens com as precárias condições das fábricas e os médicos das fábricas notam que as mulheres trabalhadoras ficam doentes com mais frequência e com mais seriedade do que os homens.

⁴ A indústria têxtil é aquela que abrange o processamento de vários materiais fibrosos: linho, lã, algodão, espumas.

Para além de trabalharem nas fábricas, as mulheres também realizam outros trabalhos na cidades, como costureiras, chapeleiras (modistas de chapéus), floristas e fabricantes de espartilhos. Mas para se ter ganhos com tais trabalhos manuais, é preciso que se tenha sido aprendiz por alguns anos, o que é muito custoso e, portanto, está além das condições de muitas. Além disso, mesmo tendo a experiências de aprendiz, os ganhos ainda são poucos. O melhor é conseguir trabalho em um grande ateliê/oficina que seja responsável por abastecer as lojas. Mas mesmo nesses locais os salários são relativamente baixos. As horas de trabalho são tantas quanto nas fábricas. Há uma lei de 1785 que define que aprendizes devem trabalhar das 6h da manhã até às 18h, com 1h30 para jantar e 30 minutos para o café da manhã, o que totaliza 10 horas de trabalho, mas essa lei está apenas no papel e não é aplicada em lugar algum. Não há supervisão das escolas para treinamento das aprendizes e maioria delas nunca ouviu falar de tal lei. Somente na região oeste/ocidental do país, onde os(as) aprendizes são mais unidos e agem juntos, houve alguns casos em que os proprietários foram forçados pelas greves a seguir a legislação das 10 horas de trabalho diárias. No entanto, é comum que durante a alta temporada o trabalho nas escolas de aprendizes siga noite adentro. As habilidosas artesãs não trabalham as 11h30 determinadas pela legislação, mas sim o quanto a força de suas mãos permitir, dormindo nos bancos ou até mesmo no chão. A alta temporada é seguida por um período de dispensa temporária, o qual as habilidosas trabalhadoras precisam "aproveitar" sem um centavo em seus bolsos.

Então, a posição da mulher trabalhadora em todo o país é extremamente austera, visto que ela sofre tanto quando o homem trabalhador. Como ele, ela trabalha sem repouso, sofre com a pobreza e, assim como o homem, pertence à classe social que é mais oprimida e desprovida. A mulher trabalhadora é membro da classe trabalhadora e todos os seus interesses estão intrinsecamente atrelados aos interesses desta classe.

Quando a classe trabalhadora ascende, a posição da mulher trabalhadora também muda. Se a classe trabalhadora permanecer na ignorância e sem direitos, então a mulher trabalhadora continuará a se arrastar na mesma miserável existência em que se encontra hoje. Portanto, a mulher trabalhadora não pode ser indiferente à classe trabalhadora ter um melhor destino. A causa dos trabalhadores é também sua, estimada e vital. Está tão próxima dela quanto está do homem trabalhador. Assim, em que consiste essa "causa dos trabalhadores e trabalhadoras"?

Os trabalhadores e as trabalhadoras estão insatisfeitos(as) com as suas condições, pois veem que toda a riqueza é criada pelas suas mãos, pelo seu trabalho e,

no entanto, por esse trabalho recebem apenas o suficiente para se alimentarem e para manterem a sua capacidade de trabalhar. Trabalham não para si mesmos, mas para os donos das fábricas, das terras, das minas, das lojas e de todo resto, ou seja, para aquela classe da população que é comumente chamada de burguesia.

Todas as leis são elaboradas para servir às classes proprietárias e todo o país é administrado em nome dos interesses da burguesia. Trabalhadores e trabalhadoras não têm nenhum papel nem na elaboração das leis e nem na administração do país. Sua função é trabalhar, trabalhar para os outros incansavelmente, pagar impostos e taxas, ficar em silêncio e submisso, suportar o frio e a fome e sofrer a difamação de sua dignidade pessoal.

Trabalhadores e trabalhadoras querem mudar a forma como as coisas funcionam. Não querem mais classes, nem ricos e nem pobres; que a terra, as fábricas, os ateliês e as minas não pertençam mais a indivíduos privados, mas sim a toda a sociedade, que deve a tudo deve administrar. Atualmente os proprietários pensam apenas em como enriquecerem cada vez mais. Não pensam na saúde, no conforto e na prosperidade daqueles que trabalham para eles. A vida do trabalhador e da trabalhadora não lhes diz nada - lucro é o que visam.

Quando o controle da produção passar das mãos dos particulares para as mãos da sociedade, então as coisas mudarão. A sociedade se preocupará com tornar possível que todos vivam bem, garantindo que todos tenham o que é necessário, com tempo livre o suficiente para aproveitar a vida, para aproveitar as felicidades e os prazeres que existem. Trabalhadores e trabalhadoras sabem que não é preciso temer que não haja bens o suficiente para todos.

Desde a introdução das máquinas, que aumentaram a produtividade do trabalho humano e criou novas formas de cultivar o solo, aumentando a sua fertilidade, não há razão para temer a escassez. Haverá o suficiente para todos. Nas condições atuais, as pessoas vivem na pobreza não pela falta de grãos, vestimentas etc. Os grãos estão amontoados nas ferrovias e apodrecem esperando por um comprador, enquanto isso, a classe trabalhadora passa fome e morre. Os depósitos dos donos das fábricas estão lotados de mercadorias que não foram vendidas enquanto, em seus portões, multidões maltrapilhas se amontoam em busca de trabalho.

Quando a produção é administrada pela sociedade todos terão que trabalhar, mas o trabalho não será tão árduo quanto é hoje, já que tudo será feito de forma a amenizar os aspectos desagradáveis do trabalho, e este não será feito em fábricas abafadas,

malcheirosas e infectadas, mas sim em edifícios bem iluminados, espaçosos, secos e bem ventilados. As horas trabalhadas também não serão tão longas como o são agora, porque todos terão trabalho e, ao contrário do que ocorre hoje, não se verá alguns, incluindo crianças e mulheres grávidas, sobrecarregando sua carga de trabalho enquanto outros são forçados a ficar ociosos, sem emprego e procurando desesperadamente por trabalho... Todos terão que trabalhar, mas não será o trabalho forçado, exaustivo e degradante ao qual a classe trabalhadora está atualmente condenada.

A sociedade irá tomar para si o cuidado com o fracos, doentes e idosos. No futuro não haverá medo, medo de morrer em um quintal qualquer, de viver como um mendigo, dependendo da boa vontade alheia. As pessoas não terão medo. As pessoas não terão medo, se adoecerem, de que a família fique desamparada, pois a sociedade como um todo será responsável por criar as crianças, cuidar delas e torná-las pessoas fortes, saudáveis, inteligentes, úteis e conhecedoras. Bons cidadãos.

Aqueles que sonham com tal realidade e lutam para alcançá-la são chamados de socialistas.

É especialmente dentro da classe trabalhadora que existem muitos socialistas. Na Alemanha, na Bélgica, na France e em alguns outros países existem milhões de socialistas e eles estão organizados em partidos operários, o quais agem em uníssono e defendem seus interesses juntos, e eles têm conquistado grandes avanços. A cada dia que passa, o número de socialista aumenta.

As trabalhadoras e os trabalhadores não podem esperar que qualquer melhora em suas condições de vida venha de qualquer outra pessoa: nem o czar nem deus irão ajudá-los. O czar olha para tudo através dos olhos dos capitalistas e dos nobres, concedendo-lhes favores e garantindo-lhes todo tipo de direitos. Passa para eles (capitalistas e nobres) a administração do país e acusa os trabalhadores e trabalhadoras que lutam por seus direitos de serem desordeiros/arruaceiros, enquanto cerimonialmente expressa gratidão às tropas por atirarem em trabalhadoras e trabalhadores em greve. Assim foi em 1895, por ocasião de distúrbios na fábrica têxtil de Korzinkin, em Iaroslavl. É verdade que o czar afirma que considera como caro o bem estar tanto dos donos de fábricas como o da classe trabalhadora, mas seria preciso ser cego para não ver o quanto essas palavras são vazias.

Deus não vai ajudar os pobres. Seu servos somente apenas pregam aos oprimidos as virtudes da paciência e da humildade, que amem os seus opressores; falam sobre o pecado da avareza para aqueles que mal conseguem alimentar a si mesmos;

falam sobre o pecado da ociosidade para aqueles que trabalham de 16 a 18 horas por dia, e falam sobre o reino dos céus enquanto fazem o possível para desviar de foco todos os pensamentos que a classe operária pode ter acerca de uma vida melhor na terra. É um pecado pensar sobre esta terra e reclamar, e pecados são punidos por um deus misericordioso.

Não, a classe trabalhadora não pode esperar nada nem de deus e nem do czar. Também é um desperdício de tempo esperar que capitalistas mudem sua maneira de pensar e parem de explorá-la, da mesma forma que seria um desperdício de tempo esperar que lobos parassem de comer as ovelhas ou que os pássaros desistissem de caçar insetos. Capitalistas vivem para explorar a força de trabalho e nunca irão deixar de fazê-lo.

A classe trabalhadora de todos os cantos sabe que não pode confiar em ninguém a não ser em si mesma, que eles mesmo deverão conquistar um destino melhor aqui terra; que cada trabalhador e trabalhadora por si só é completamente impotente e indefeso, mas uma vez unidos em um grande exército, se tornam um poder que nenhum Estado pode suportar, um poder que alcançará todo seu potencial. Quanto mais a classe trabalhadora agir em conjunto, mais vigorosamente lutará por seus direitos, mais consciente será acerca dos caminhos que precisam ser trilhados e dos objetivos a serem cumpridos, maior será o poder que irá representar. Não é por acaso que as palavras "Proletários/as⁵ do mundo, uni-vos!" e "Um por todos e todos por um!" são repetidas nos encontros da classe trabalhadora. É uma luta longa e de comprometimento. Deve-se lutar por cada passo a frente.

Em um primeiro momento a classe trabalhadora luta por demandas que lhe são mais imediatas: o aumento salarial, a diminuição das horas de trabalho, a eliminação de todas as formas de abuso que a impeça de se manifestar/fazer greves, a possibilidade de realizar reuniões para discutir os seus próprios assuntos e a formação de sindicatos. Não lhe é permitido escrever nos jornais sobre seus necessidades e demandas. Em todos os confrontos entre patrões e trabalhadores(as) o governo toma o partido dos patrões. A classe trabalhadora, então, toma consciência de que para ter uma organização apropriada para enfrentar os patrões é preciso liberdade para se manifestar, para fazer greves, para realizar assembleias e formar sindicatos, é preciso liberdade de expressão e

⁵ Por proletário/a entendemos uma pessoa que não tem posses e vive apenas pelo que recebe trabalhando contratado/a por outras pessoas ou, como dizem os livros, vive através da venda de sua força de trabalho. Um/a trabalhador/a é um proletário/a, pois vive apenas vendendo a sua força de trabalho.

de imprensa. Também percebe que os funcionários públicos do alto escalão estão sempre dos nobres e dos ricos e irão sempre legislar contra a classe trabalhadora, a fim de mantê-la sempre na escuridão e na ignorância. Estão sempre impondo novos impostos e taxas. Tudo isso continuará até que a classe trabalhadora, através da eleição de representantes próprios, tenha voz na elaboração legislativa e na administração da sociedade. A classe trabalhadora exige, assim, que o país seja governado de acordo com leis que sejam aprovadas por um parlamento (uma assembleia representativa do povo), que o poder público preste contas a esse mesmo parlamento por suas ações, para que nenhum imposto ou taxa seja cobrado do povo sem a devida aprovação do parlamento e que este decida sobre a utilização das verbas cobradas ao povo.

Trabalhadores e trabalhadoras exigem sufrágio universal e igualitário, o que lhes garantiria enviar seus próprios representantes para o parlamento. Em apenas uma palavra, a classe trabalhadora exige liberdade política. Sem liberdade política e sem participação na administração do país, a classe trabalhadora nunca irá conseguir alcançar seu estimado objetivo de uma sociedade socialista. Assim sendo, trabalhadores e trabalhadoras de todos os países lutam por liberdade política e já existem parlamentos em todos os países europeus em que a classe trabalhadora participa da administração de ditos países. É fato que essa participação ainda é muito fraca/pouca, mas Rússia é o único país em que não há nenhuma participação; é apenas na Rússia que a classe trabalhadora e todos os outros habitantes comuns estão completamente alijados de participar da formulação de leis e da administração do país, pois tudo é decidido pelos oficiais czaristas, que são responsáveis apenas por si mesmos. Nos países em que há liberdade política a classe trabalhadora está organizada em partidos e já conseguiu muitas conquistas, e suas condições de vida são muitos melhores do que na Rússia. A luta pela causa da classe trabalhadora está apenas começando na Rússia e o movimento dos trabalhadores e trabalhadoras ainda é embrionário, mas em todos os cantos do país as chamadas da luta foram acessas, e a cada ano que passa o movimento da classe trabalhadora cresce e se fortalece cada vez mais.

Assim, como a mulher trabalhadora deveria se relacionar com a luta pela vitória da causa da classe trabalhadora? Ela deve se envolver?

É muito comum nos dias de hoje que a mulher adote uma postura muito negativa acerca do envolvimento de seu marido na causa da classe trabalhadora. Ela não entende completamente no que ele está se envolvendo e vê apenas perigo nisso. É comum que ela não saiba nada acerca da causa e do movimento da classe trabalhadora e, portanto,

não entende o posicionamento do marido e nem simpatiza com ele. Ela tenta de todas as maneiras interferir com os estudos do marido e é hostil para com os seus amigos. Trabalhadores jovens e politicamente conscientes dizem que é difícil encontrar uma esposa que seja solidária às suas atividades, e que não gostariam de se casar com alguém que os iria arrastar para baixo.

Dentre os trabalhadores politicamente conscientes também se pode encontrar aqueles que acreditam que as mulheres não deveriam se envolver com a luta da classe trabalhadora, que isso não é da conta delas e que seria muito melhor se apenas os homens continuassem a luta. Essa é uma abordagem equivocada. Seria muito difícil para homens vencerem por si próprios. Se as mulheres não se juntarem ao movimento da classe trabalhadora, se elas forem hostis ao movimento, então sempre estarão em seu caminho. Vamos imaginar que os trabalhadores organizem uma greve e que o patrão esteja disposto a ceder, mas as mulheres se oferecem para assumir o lugar dos homens; a greve está perdida. É impossível saber qual a extensão dos danos que podem causar as mulheres que não estão organizadas e que não participam do movimento da classe trabalhadora! Evitar que as mulheres participem da luta é o mesmo que deixar metade do exército da classe trabalhadora desorganizado.

A maioria dos trabalhadores politicamente conscientes entende que é essencial que, na luta pela causa da classe trabalhadora, as mulheres estejam ao lado dos homens para aumentar e estreitar as categorias do exército de trabalhadores(as) a fim de se alcançar a vitória. As mulheres não serão deixadas de lado. Conforme começam a participar do trabalho produtivo, passam a ver cada vez mais claramente que seus interesses são os mesmos que os do trabalhador, e entendem que sua própria libertação está intimamente ligada à libertação da classe trabalhadora. Elas então percebem que elas têm outra escolha a não ser lutar pela causa da classe trabalhadora.

Na região oeste/ocidental do Império Russo a maioria das trabalhadoras politicamente conscientes já estão afiliadas ao movimento. Elas ajudam os homens na luta e seguem atentamente o que é dito e escrito sobre o movimento da classe trabalhadora. Elas participam massivamente das reuniões, celebram o Primeiro de Maio, se organizam e fundam seu próprio jornal. O movimento de mulheres cresce a cada ano.

Em algumas outras partes da Rússia as mulheres também estão começando a participar da luta. Podemos mencionar como exemplo as greves de mulheres da fábrica de tabaco Laferme, em São Petersburgo em 1895, e das fábricas de embalagens e cigarros em Brest-Litovk e Bialystok em 1897; e mais recentemente temos as greves das

trabalhadoras da fábrica de embalagens de cigarros Katz, em Kiev, das fábricas de meias em Vilnius, e temos também as greves em Riga e Serpukhov, nas fábricas Kunshin. Além dessas, mulheres e homens costumam sair simultaneamente em fábricas de tecelagem e fiação de algodão.

CAPÍTULO 2

As condições das mulheres trabalhadoras na família

É claro, mulheres trabalhadoras sofrem não apenas por sair para trabalhar, mas também por serem mulheres, por serem dependentes de homens.

Desde nova, a garota camponesa trabalha na casa de sua família como força de trabalho. Ela é considerada simplesmente como uma propriedade de seus pais, que podem fazer com que ela trabalhe desde a manhã até a noite, e podem enviá-la para trabalhar fora e retirar todos os seus ganhos. Para vermos o quão ampla pode ser a visão da garota camponesa enquanto propriedade de seu pai podemos ver o exemplo a seguir. Há um número de casos em que um vilarejo proibiu uma garota de casar até que seu pai pagasse os atrasos de seus débitos. Nesse caso, a garota enquanto pessoa nada vale, uma vez que ela é simplesmente vista como propriedade que pode ser mantida para débitos. A garota frequentemente casa com alguém que nem ao menos conheceu. O ritual de lamentações que sobrevive em todo lugar e que toma lugar nas festas para garotas que acontecem na véspera dos casamentos pontua o quão pouca felicidade a espera. Quando uma noiva é escolhida as principais qualidades buscadas nela são que ela seja saudável, trabalhe bem e seja forte, ágil e resistente. A garota deixa a família do pai pela do seu marido. Lá, como antes, ela trabalha sem pausa e, como anteriormente, ela permanece dependente. Pode acontecer, é claro, é que o homem e a mulher se deem bem e passem a amar um ao outro, mas ainda assim a mulher não está protegida contra o que é conhecido como “o ensinamento do marido”. A mulher camponesa que não experienciou um espancamento do seu marido é uma raridade e a mulher, portanto, se acostuma a enxergar os espancamentos como um hábito a não ser que o marido seja particularmente bruto. Mas mesmo assim, a mulher não está permitida a deixar seu marido. Ele tem o poder de não permitir a ela um passaporte próprio e onde quer que ela vá ele pode trazê-la de volta sob guarda.

Como pode um estado de tamanha dependência das mulheres ser explicado? O homem, como um mestre, dá todas as ordens sobre trabalho e a mulher está lá apenas

para realizá-las. O homem decide tudo: quando começar a arar ou semear, se deve ou não assumir algum trabalho, é ele quem recebe o dinheiro para pagar impostos, e vender grão e gado é também responsabilidade dele. Observar os detalhes sobre o trabalho também cabe a ele. Como é o homem quem manda na família, é ele quem toma a frente nas discussões de todos os casos da comunidade, que são decididos em encontros sobre a divisão de terras e sobre a taxação de impostos e assim por diante. A mulher é excluída de todos as questões sociais, presa a assuntos que dizem respeito à casa e às crianças. O marido é a cabeça da família porque toda a família se apoia nele. O marido é a cabeça da família também porque toda a propriedade, a terra, a casa, o gado e todo o resto pertencem a ele.

A mulher é “trazida para dentro da casa”. Isso se dá porque a pessoa que é a mulher é avaliada tão baixo e porque, segundo o costume camponês, a mulher é vista como propriedade, e é avaliada principalmente pela sua capacidade de trabalho.

Nas indústrias artesanais, onde o negócio é apenas um complemento à agricultura, a posição da mulher muda um pouco e, apesar dela ajudar seu marido, isso não a torna mais independente. Mas quando a agricultura recua para segundo plano e os ganhos do artesanato doméstico se tornam a principal fonte de renda, quando a mulher pode ganhar o suficiente para manter a vida fora da família, aí as coisas mudam. A voz da mulher assume uma importância na família e se divorciar se torna mais fácil. Quando uma mulher, graças a sua participação em uma manufatura, atinge independência, ela pode às vezes obter parcela da terra, portanto, ganha o direito de possuir terra nos mesmos termos que um homem. Nós vemos que nos ramos da indústria em que a força de trabalho feminina se torna costumeira, a mulher que trabalha na fábrica recebe um pouco menos que um homem e é capaz de pagar sua própria alimentação. O marido para de ser seu “ganhador de pão”, ela provê para si mesma e, às vezes, quando o seu marido está sem trabalho, ela também o mantém. Ela trabalha na fábrica completamente separada e independente de seu marido, ao invés de estar sob seu comando como visto na vida camponesa. Tudo isso, isto é, um trabalho da mulher independente com uma renda independente, não pode deixar de afetar as relações entre marido e mulher.

A esposa para de ser a escrava de seu marido e se torna um membro igualitário na família. A total dependência de seu marido é substituída por igualdade. Torna-se não tão simples para os pais “entregar” ao casamento uma garota de indústria que desde sua juventude pode receber seu sustento. Ela pode escolher um noivo que lhe convém. Casamentos em um contexto de fábrica são feitos mais por um acordo mútuo do que por

cálculos materiais. Nos casos em que um marido e uma esposa não se dão bem é mais fácil para eles se separarem do que era nas condições camponesas, já que, caso se separem, não destruiriam um negócio de família porque cada um poderia viver com seus próprios ganhos.

Divórcios são muito mais frequentes entre as trabalhadoras e trabalhadores de fábrica do que entre os/as camponeses/as. Além disso, relações livres entre homens e mulheres são a regra geral. Homens e mulheres estão fazendo trabalho noturno juntos e as condições das acomodações das fábricas facilitam para a construção de conexões fora do casamento de forma fácil, até fácil demais. Como poderia ser de outra forma? Nos dormitórios das fábricas a separação de sexos em diferentes quartos não é uma regra e, na esmagadora maioria das fábricas, a completa mistura de sexos e idades prevalece. Crianças e adultos, homens e mulheres, pessoas solteiras e casadas dividem o mesmo quarto e beliches. Como alguém pode saber exatamente quem é “legalmente” casado ou não? Entre trabalhadores, às relações entre um homem e uma mulher fora do casamento são concedidos os mesmos direitos comuns que os de um casamento “legal”. Em tais relações, a mulher é mais livre do quando costumava ser “a esposa do marido”, pois ela não depende do homem com quem vive. Ele não tem o direito “legal” sobre ela e não pode, por instância, negá-la a ter um passaporte ou forçá-la ela a viver com ele. Em poucas palavras, uma renda independente liberta a mulher do poder masculino.

Mas se a mulher recebe muito pouco para sobreviver, uma vez que o salário feminino é bem baixo nos ramos da indústria em que sua força de trabalho ainda não se tornou costumeira, como também em alguns comércios, ela tem que viver com seus pais ou marido. E se ela não tem nenhum nem outro, ela é forçada a buscar fonte de renda extra com a prostituição. Recentemente, em maio de 1899, em Riga houve grandes distúrbios entre os trabalhadores por isso. Eles começaram com o fato de que as mulheres nas fábricas de juta demandaram um acréscimo nas taxas de pagamentos e saíram em grupo para o escritório do governador para reclamar da administração da fábrica. No caminho, as mulheres foram paradas e presas dentro do parque Alexandrov. Quando saíam do trabalho, homens trabalhadores de fábrica Phoenix e alguns outros libertaram as mulheres à força. O governador convocou o exército e, de 5 a 15 de maio, Riga se tornou um campo de batalha já que os soldados dispararam contra os trabalhadores e estes responderam jogando pedras nos militares, quebrando janelas e incendiando prédios. Mas a maior fúria dos trabalhadores foi direcionada contra os bordéis e onze deles foram destruídos em uma noite. Por que os trabalhadores foram

para cima dos bordéis? O que eles tinham a ver com a greve e os distúrbios entre os trabalhadores? O que os bordéis tinham a ver com isso? Acontece que quando os trabalhadores anunciaram que era impossível para suas esposas sobreviver com os ganhos que recebiam, as autoridades clinicamente disseram a eles que elas poderiam encontrar renda extra nos bordéis. Dessa forma, prostituição era abertamente declarada como a única forma através da qual uma mulher vivendo com seus ganhos próprios poderia suplementar seus ganhos miseráveis! Quem, então, poderia culpar uma mulher atingida pela pobreza por vender a si mesma, por preferir a única forma disponível de ganhos extras à existência mendiga, à fome e às vezes a uma morte faminta? Tenha em mente que não há nada de divertido sobre ser uma prostituta. Basta ouvir como um burguês bem alimentado e sua esposa falam com desprezo sobre as depravadas mulheres e meninas de fábricas e a hipócrita aversão com que essas mulheres que nunca conheceram a pobreza pronunciam a palavra “prostituta”. Professores burgueses vergonhosamente vão à imprensa para afirmar que prostitutas não são escravas mas pessoas que escolheram seguir esse caminho! É a mesma hipocrisia que insiste que ninguém impede uma trabalhadora de deixar uma dada fábrica onde é impossível respirar, com a poeira, vapores venenosos, calor e assim por diante. Elas “voluntariamente” permanecem trabalhando lá por 16 a 18 horas por dia.

Mas se uma mulher recebe miseráveis centavos pelo seu trabalho e ainda não é forçada a vender a si própria, e ainda permanece com o apoio de um marido ou seus pais, ela não possui a independência de uma mulher que não necessita de apoio de ninguém. Ela ainda deve se subordinar para aqueles que a mantêm já que ela é incapaz de se manter sem a ajuda deles⁶.

Portanto, nós vemos que os ganhos independentes libertam a mulher trabalhadora, enquanto mulher, e a tornam igual ao homem. Apenas quando ela se envolve com uma indústria de larga-escala ela pode se libertar. É preciso, entretanto, notar que primeiro de tudo, há ainda comparativamente poucas mulheres ganhando salários em fábricas e usinas metalúrgicas. Como vimos, em 1980 havia apenas por volta de um quarto de milhão. Hoje o cenário é com certeza bem maior porém,

⁶ O mesmo pode ser dito do trabalho de uma mulher no que é conhecido como "indústria doméstica". Muitas fábricas alocam alguns trabalhos para serem feitos em casa, como por exemplo a colagem de tubos de cigarros e de embalagens de doces. Para assegurar dito trabalho, aquelas que o realizam diminuem o que cobram por ele ao mínimo. São trabalhadoras temporárias e trabalham por salários tão baixos que mesmo trabalhando da manhã até a noite sem intervalo recebem apenas centavos. Elas aceitam esse tipo de trabalho pois não há outra alternativa e mesmo o mais miserável dos ganhos serve ao sustento da família. Mas, claramente, esse trabalho doméstico não dá à mulher independência, apenas mina sua força.

provavelmente não ultrapassa meio milhão. Em segundo lugar, em vários ramos da indústria a força de trabalho feminina é tão mal paga que a mulher trabalhadora não consegue sobreviver sozinha com esse dinheiro. Além disso, até mesmo onde as mulheres por um momento recebem um salário relativamente bom, elas precisam estar preparadas para a eventualidade da introdução ao maquinário ou de atrasos na produção que a levem para a rua sem uma migalha. E então? Ou ela novamente tem que ser um fardo para seu marido e pais, novamente se tornando dependente, ou passar pela prostituição.

Somente a completa vitória das trabalhadoras que se esforçam para substituir a ordem vigente por uma socialista pode tornar as mulheres completamente livres. Nós já dissemos que sob o socialismo, em um sistema socialista, todos os adultos e pessoas saudáveis irão trabalhar, e isso inclui as mulheres, excluindo, é claro, as grávidas e que amamentam. Mas em troca todos compartilhariam dos benefícios produzidos; todos terão garantidos os meios de subsistência e isso será aplicado também às mulheres. Hoje, a dependência das mulheres em relação aos homens deriva de homens mantendo mulheres, seja esposa, amante ou filha. Quando isso cessar, mulheres serão livres dos homens. Assim, vemos que a mulher tem duplo interesse no sucesso da causa dos trabalhadores – como trabalhadora e como mulher. As palavras “Proletários de todo mundo, uni-vos” não podem deixar de encontrar uma resposta no coração de uma mulher. Ela não pode deixar de se juntar à categoria dos que lutam por um sistema socialista, por um futuro melhor...

CAPÍTULO 3

A mulher e a criação/educação das crianças

Para a mulher trabalhadora viver significa estar amarrada a um eterno cuidar das crianças. Não há possibilidade de que ela eduque a criança, ela pode apenas alimentá-la.

Com o nascimento de uma criança a mulher camponesa se depara com tarefas adicionais. Afinal, uma pessoa não pode sair para trabalhar e cuidar das crianças. O trabalho não espera por ninguém, e a mulher camponesa sair para trabalhar deixando seus filhos sob os cuidados de alguma outra mulher ou de uma criança mais velha. Qualquer um que tenha vivido em uma vila sabe o que significa cuidar de uma criança. Antes de ser desmamado, coloca-se um funil de alimentação na boca do bebê e ele é

alimentado com todos os tipos de verduras juntamente com pão preto amassado, depois, o bebê é enrolado em uma pele de carneiro e é embalada em um berço até dormir e é mantido em um chalé abafado, à noite é levado para o lado de fora quase nu. A mãe o alimenta de vez em quando. Sempre ouvimos que uma "enfermeira" entre 6 e 8 anos derrubou um bebê ou bateu nele, ou o queimou ou fez qualquer outra coisa com ele - o que quer que venha à mente de uma criança de 6 anos... Mas mesmo quando a própria mãe está cuidando da criança a situação não é muito melhor. Ela (a mãe) não tem a menor ideia de como um organismo humano é construído, de como uma criança se desenvolve, do que é preciso para que a criança cresça forte, resistente e saudável. A mulher camponesa normalmente se guia por costumes e superstições. Mas quando que ela soubesse como criar uma criança, mesmo com a melhor vontade do mundo ela não poder o necessário. Uma criança precisa de limpeza, calor e ar fresco, mas há 10 pessoas vivendo na mesma casa, a qual não é aquecida e tem peles de ovelha, bezerro e tudo mais os rodeando. Sem escolha, ela desiste, como se fosse um péssimo trabalho. Quando a criança fica doente ela não sabe o que fazer e muito frequentemente não há onde ir para procurar tratamento/atendimento médico. O pior de tudo é quando a doença é infecciosa, como a varíola, a escarlatina, dentre outras. Como proceder quando a criança precisa ser isolado e toda a família vive em um casebre? Dessa forma, as crianças se infectam umas às outras e morrem por falta de ajuda, de cuidados. Não é de se admirar que nas vilas metade das crianças morre antes de completar 5 anos. Somente os mais fortes/resistentes sobrevivem.

Vejamos agora como está a situação da escolaridade das crianças camponesas. Muitas vezes não há escolas nas vilas, e aprender a ler e escrever se torna uma questão de sorte. Mas mesmo quando há uma escola os/as camponeses/as não podem pagar pela vaga de seus filhos. As crianças são necessárias em casa para cuidar dos mais novos, para ir ao mercado e para ajudar nos trabalhos domésticos. Às vezes nem mesmo há roupas para usarem para irem à escola, especialmente se esta for localizada em uma vila vizinha. As crianças que vão para a escola aprendem mais ou menos a ler, a escrever e a contar. Nossas escolas na Rússia são bastante ruins e os professores são proibidos de ensinar qualquer outra coisa que não o básico. O governo se beneficia ao deixar as pessoas na ignorância e, portanto, é proibido discutir ou dar às crianças livros sobre como outros povos ganharam sua liberdade e como são suas leis e sistemas. É proibido explicar por que alguns povos têm determinadas regras, enquanto outros têm outras regras, por que algumas pessoas são pobres e outras são ricas. Em suma, as escolas são

proibidas de dizer a verdade e os professores devem apenas ensinar as crianças a honrarem a deus e ao czar. As pessoas encarregadas das escolas tomam muito cuidado para que um professor não deixe escapar nenhuma verdade, e selecionam seus professores dentre aqueles que não têm conhecimento de nada. Assim, as crianças saem da escola sabendo pouca coisa mais do que quando entraram. A própria mãe é, muitas vezes, incapaz de ensinar algo para as crianças, já que ela mesma não sabe muito⁷. Leo Tolstoy assim se refere à ignorância do campesinato russo, nas palavras de um soldado em sua obra *O Poder dar Trevas*: "E o que vocês, mulheres, sabem? Vocês são como cachorrinhos cegos enfiando o focinho no esterco. Um homem pelo menos se exercita no exército, sobe em um trem e vai à cidade, mas o que vocês vivenciam? Além de seus truques de mulheres sujas, vocês não sabem nada" O melhor que ela (a mãe camponesa) pode fazer é ensinar seu filho a observar jejuns e outros rituais da igreja, a temer a deus e a seus anciãos, a respeitar os ricos e a ter humildade e paciência... É improvável que suas crianças se tornem felizes e livres, ou que entendam o significado da frase "Um por todos e todos por um", e dificilmente serão capazes de obter justiça e de defendê-la.

O que dissemos acerca da mulher camponesa como educadora também se aplica à mulher que é mãe e trabalha na produção artesanal familiar. Ela sabe tão pouco quanto a mulher camponesa, e está igualmente sobrecarregada pelo trabalho e é igualmente impotente para educar os filhos, os quais acabem sendo inseridos no trabalho artesanal entre os 5 e 8 anos de idade, quando lhes são dadas pequenas tarefas para realizarem, mas trabalham como adultos e às vezes durante as mesmas longas horas. Dito trabalho é prejudicial ao organismo das crianças, debilita sua saúde e enfraquece suas capacidades mentais. Sem qualquer movimento, sem ar puro, e em um casebre abafado, a criança fica cada vez mais doente. Um trabalho monótono, desde a manhã até a noite, prejudica o intelecto, não o desenvolve, e este se torna lento e estúpido. Não pode haver qualquer tipo de escolarização. Os trabalhadores da produção artesanal familiar somente conseguem se alimentar quando toda a família, inclusive os idosos e as crianças, trabalha sem parar. Que tipo de escolarização pode haver com essas circunstâncias?

A trabalhadora das usinas metalúrgicas se difere pela sua saúde debilitada. O organismo da mulher sofre mais por conta das condições prejudiciais das fábricas. E uma mulher fraca ou doente "produz" crianças fracas. Um pesquisa descobriu: "Quando uma mulher que trabalha da indústria de fósforos se casa, e mulheres e crianças

⁷ A mulher é uma escrava dentro de casa, e é justamente o fato dela ser dependente que a define.

constituem a maior parte da força de trabalho nessa indústria, ela se torna propícia a gerar uma prole doente e semiviva, assim como ela, condições que só é agravada por uma série de doenças que levam a uma morte prematura". Na nossa legislação industrial não há nada que limite ou torne mais brando o trabalho de uma mulher grávida. Só há legislação acerca da custódia e do dispêndio do dinheiro arrecadado em multas aos trabalhadores da fábrica, estipulando que esse dinheiro "pode ser usado", dentre outras coisas, para pagar subsídios às trabalhadoras na última fase da gravidez e que param de trabalhar 15 dias antes de dar à luz. Assim, não há definição de obrigatoriedade de nenhum pagamento, apenas a menção de que dito pagamento pode ser feito; ou seja, tal contingência é deixada totalmente a critério do proprietário da fábrica. De fato, ditos pagamentos quase nunca são feitos, em lugar algum. Sem suporte e com medo de perder o emprego, a mulher trabalhadora continua em seu posto quase até as vésperas do parto, e retorna ao trabalho antes de estar completamente recuperada. É por isso que muitas mulheres que trabalham em fábricas sofrem abortos espontâneos, partos prematuros e todos os tipos de enfermidades femininas. A vida com crianças é extremamente difícil para a mulher trabalhadora. Chegar em casa cansada do trabalho na fábrica e ainda ter que lavar, costurar, limpar, alimentar e banhar as crianças. Às vezes a mãe tem a felicidade de ter um/a vizinho/a que lhe dá a ideia de alimentar a crianças com uma bebida feita com sementes de papoula; a criança dorme tranquila e a mãe fica feliz. No entanto, ela (a mãe) não tem a menor ideia de que com essa bebida ela esta na verdade envenenando a criança, já que há muito ópio na papoula e o ópio é um veneno assustador e pode, mais tarde, transformar a criança em um completo idiota. Quando ela, mãe e trabalhadora fabril, sai para o trabalho durante o dia, ela deixa suas crianças aos cuidados de uma vizinha mais velha e quando tiverem crescido um pouco, serão deixadas sozinhas, sem ninguém para cuidar delas. As crianças praticamente crescem fora de casa. Não se alimentam direito, passam frio, vivem em trapos e sujos desde a primeira infância e veem uma enorme quantidade bêbados, deboches, brigas e muitos mais. É dessa forma que as crianças pré-escolares crescem. Há escolas nas cidades, mas elas normalmente são extremamente lotadas, então é difícil conseguir vagas, e as fabricas e metalúrgicas nem sempre possuem suas próprias escolas. A lei "permite" que os donos das fabricas ofereçam escolas para os/as filhos/as dos/as trabalhadores/as, mas não os obriga. Então nem todas as crianças filhas de trabalhadores/as vão para a escola. Quando atingem a idade em que devem começar a trabalhar nas fábricas (de acordo com a legislação as crianças podem começar a trabalhar aos 12 anos de idade), começam a

sustentar a si mesmas e logo se tornam completamente independentes. Em geral, as trabalhadoras fabris sofrem muitos com suas crianças, há muitas preocupações, mas raramente as veem e as crianças crescem sendo quase estranhas para elas.

Se consideramos o quão difícil é para a trabalhadora fabril que tem filhos/as, principalmente se as crianças forem ilegítimas e seus cuidados são de total responsabilidade apenas da mãe, então entenderemos por que a mulher é, frequentemente, forçada a dar suas crianças para orfanatos/casas de enjeitados ou para uma mulher que é especialista em cuidar de crianças.

Os jornais às vezes trazem histórias de que nesta ou naquela cidade industrial um "trabalho de anjos" foi descoberto. Isso é quando uma mulher ganha a vida sendo paga por criar os bebês e depois, através da fome, alimentando-os com ópio ou de outras formas, os manda o mais cedo possível para o além, transformando-os em "anjos". Depois de uma audiência judicial, a "fazedora de anjos" é sentenciada a trabalhos forçados, mas em outros lugares, esses casos somente servem para dar origem a outros "trabalhos de anjos"; a trabalhadora fabril descobre que é impossível alimentar uma criança.

O mesmo destino espera pelas crianças de uma empregada doméstica. Uma empregada doméstica não deve ter uma família. Por todos os lados, uma das condições exigidas das empregadas domésticas para que sejam contratadas é que elas não recebam visitantes masculinas, e uma mulher casada é contratada com muita relutância caso o marido a visite. Uma empregada doméstica com filhos/filhas nunca é contratada. Assim, ao assumir dito cargo, a mulher aceita um contrato antecipado que afeta todo o seu futuro. Sua situação é pior do que a trabalhadora fabril, já que esta trabalha por um número determinado de horas e depois é sua própria patroa. Uma empregada doméstica não pode nunca dispor de si mesma, já que todo o seu tempo pertence a sua/seu patroa/ão, que nunca lhe permite ter qualquer tempo para gastar com suas crianças e, portanto, gostando ou não, ela acaba sendo obrigada e entregá-las a um orfanato/casa de enjeitados.

Dessa forma, podemos ver que na maioria dos casos a mulher trabalhadora se encontra em situações em que é totalmente impossível para ela criar as próprias crianças de forma adequada. Ela é completamente despreparada para o papel de criar suas crianças, pois não sabe o que é prejudicial ou bom para uma criança e também não sabe como educá-la. "Sem aprender, não se pode nem consertar um sapato", escreveu a

socialista alemã Zetkin⁸ em seu conhecido folheto sobre o movimento das mulheres na Alemanha. Será que é mesmo possível que alguém acredite que para criar um ser humano não é preciso estar devidamente preparado?! Mas mesmo que a mulher trabalhadora fosse apta para desempenhar o papel de educadora, nas suas atuais condições seria quase uma perda de tempo. Ela não teria tempo o suficiente e nem os meios adequados para educar suas crianças. As únicas coisas nas quais ela consegue pensar é em alimentar e vestir suas crianças. Mas muitas vezes ela não tem nem condições de garantir que o estomago de suas crianças esteja cheio, e ela é forçada a deixá-las à mercê do destino. É esse o estado das coisas no atual sistema social.

Como seria a criação e a formação de uma criança sob a tutela de um sistema socialista? Já dissemos que os socialistas defendem a educação social das crianças. A burguesia indignada exclama: "Aqueles terríveis socialistas querem destruir a família e tirar as crianças de seus pais!" Isso é, obviamente, um tremendo absurdo, pois tal coisa está completamente fora de questão. Ninguém, em nenhum lugar, tem em mente afastar as crianças de seus pais. Quando se fala em educação social das crianças, o que se quer dizer, em primeiro lugar, é que todas as preocupações em apoiá-las serão tiradas das costas apenas dos pais e a sociedade irá prover para as crianças não apenas os meios de existência, mas também se preocupará em garantir que tenham tudo o necessário para que se desenvolvam plenamente em todos os sentidos. O momento mais difícil da criação das crianças é aquele antes de elas terem idade o suficiente para ir à escola. Em alguns países da Europa Ocidental já existem aquilo que chamamos de "Jardim da Infância". Quando uma mãe sai para trabalhar, ela leva suas crianças pequenas consigo e as deixa no Jardim da Infância até o momento em que ele sai do trabalho. Ela pode ficar tranquila no trabalho porque sabe que nenhum acidente irá acontecer com suas crianças, pois elas estão sob os cuidados de vários/as professores/as. O som de risadas e de vozes infantis anunciam a presença de uma casa onde há um Jardim da Infância. À primeira vista, pode parecer que não há nenhum tipo de ordem ali, mas isso é apenas aparência. Existe uma programação definida para as suas atividades. As crianças são divididas em grupos e cada um desses grupos prossegue com suas atividades. Elas cavam a terra, regam e limpam as plantas de ervas daninhas; limpam legumes na cozinha; lavam a louça; aplainam madeira, colam coisas, costuram, desenham, cantam, leem e brincam. Todos os jogos e atividades ensinam algo e o principal ponto é que a

⁸ Clara Zetkin é uma das mais destacadas e talentosas líderes dos movimento de mulheres trabalhadoras na Alemanha.

criança aprende a ser organizada, a trabalhar, aprende a não se desentender com os amigos e a dar vez aos outros sem caprichos e choro. Os/as professores/as sabem como manter crianças de 3 e 4 anos ocupadas, sabem alimentá-las e a colocá-las para dormir na hora certa. Espalham colchões pelo chão e as crianças deitam uma ao lado da outra, todas cobertas por um mesmo cobertor. Como é diferente a maneira de passar o tempo no Jardim de Infância do vagar sem objetivo de um canto ao outro, para o qual estão condenadas as crianças que não têm ninguém com tempo para se ocupar delas. "Não interrompa! Não fique no caminho! Sai do caminho!" é o que as crianças ouvem o tempo todo em casa. Mas é preciso ressaltar que ainda existem muito poucos Jardins da Infância, mesmo na Europa Ocidental. Apresentamos aqui a descrição de um Jardim da Infância para mostrar que a educação das crianças pode começar desde os primeiros anos de vida e que, em um Jardim da Infância social, as crianças podem passar seu tempo obtendo grandes vantagens para si mesmas e muito mais felizes do que presas em casa. E hoje existem bons Jardins da Infância, eles serão muito melhor em uma sociedade socialista. E como em tais Jardins da Infância serão atendidas crianças vindas de todas as camadas sociais, será do interesse de todos garantir que sejam organizados da melhor maneira possível. Depois do Jardim da Infância as crianças passam para a escola. Em uma sociedade socialista as escolas não serão iguais às que existem hoje. Nas escolas do futuro os/as alunos/as irão adquirir muito mais conhecimento e também irão se acostumar ao trabalho produtivo. A principal característica é que essas escolas não irão apenas ensinar, mas também irão ajudar a desenvolver todo o potencial dos/as alunos/as, tanto espiritual quanto físico, para que se tornem cidadãos/ãs produtivos/participativos e enérgicos.

A burguesia, que não tem o peso da preocupação com alimentar e educar as crianças, que pode colocar várias salas bem iluminadas à disposição das crianças, que pode proporcionar todo tipo de conforto e contratar todo tipo de enfermeiras, empregadas domésticas, governantas, serviçais e professores, pode olhar com indignação para a provisão social da educação. As mulheres trabalhadoras não podem deixar de reconhecer todos os benefícios da educação social. Sentimentos maternos fazem com ela, a mulher trabalhadora, anseie pela educação social das crianças, pelo sistema socialista e pela vitória da causa da classe trabalhadora!

CONCLUSÃO

Temos observado que, por mais que o trabalho fabril seja pesado, para a mulher trabalhadora ele tem um lado positivo: um salário próprio liberta a mulher da dominação masculina à medida que ela se torna muito mais independente do homem. O trabalho fabril tem ainda um outro lado positivo: ele permite à mulher tomar consciência de classe.

Deixe-nos explicar o que isso significa. Quando uma mulher começa a trabalhar em uma fábrica ela percebe que há uma pressão para que ela produza o máximo possível pelo menor salário possível, abrindo mão de taxas e multas, sendo enganada. O superintendente, o gerente e outros superiores gritam com ela o tempo todo. Os conflitos diários permitem à trabalhadora entender que seus interesses e os do proprietário da fábrica são completamente opostos. Ele está interessado em fazê-la trabalhar o máximo possível pelo menor salário possível. E, além disso, é na fábrica que a mulher trabalhadora fica face a face com a classe dos empregadores e involuntariamente compara suas condições com as de seu chefe. Ele possui em seu poder todos os trabalhos, enquanto ela não tem nada.

O empregador vive em luxo enquanto ela passa fome. Ele dá ordens a todos/as os/as trabalhadores/trabalhadoras, abusa de todos e os despede. O destino deles/as está nas mãos dele, enquanto ela vive sempre com o medo que a qualquer momento pode ser jogada na rua. Ela está ciente de sua total impotência, de que está indefesa contra o proprietário. Cada pequeno conflito com seus superiores traz à tona a amargura de ser um indivíduo oprimido, e isso a deixa indignada. Mas ela não está sozinha ao sentir isso. Tudo que a afeta, afeta também aos outros/as; o que a enfurece, também enfurece os/as outros/as. Além disso, ela não pode ficar indiferente a qualquer ofensa ou injustiça cometida contra qualquer um/a de seus/uas colegas de trabalho.

Tudo isso a preocupa profundamente e tudo é muito claro para ela. Pouco a pouco ela começa a perceber que as mulheres trabalhadoras e os homens trabalhadores ao seu redor não são apenas companheiros/as de trabalho, mas também companheiros de espírito e que ela compartilha com eles/elas interesses e sentimentos comuns. São seus/suas companheiros/as porque são trabalhadores/as. O significado das palavras "Um por todos e todos por um" se torna muito claro para a mulher trabalhadora. Quando há confrontos com a chefia, ela percebe que seus/suas companheiros/as estão sempre prontos/as para apoiá-la e ela para apoiá-los/as. Os mesmo conflitos mostram para ela

que sozinha ela é impotente, mas isso não acontece quando está com seus/suas companheiros/as. Ela se compreende cada vez mais que "a união faz a força".

Conflitos com a polícia e qualquer outro tipo de autoridade, exílio e perseguição de trabalhadores/as, a proibição de discutir seus assuntos e de formar sindicatos, deixam claro que o governo está do lado dos ricos. Seus/suas companheiros/as lhe ensinam (à mulher trabalhadora) a necessidade da luta política e de se ganhar para a classe trabalhadora o direito de participar na elaboração das leis e na maneira como o país é dirigido.

Pouco a pouco a mulher trabalhadora entende que a liberdade política é requisito para que a classe trabalhadora tenha um melhor futuro e que sem a organização da classe trabalhadora o sistema socialista é impossível. Assim, gradualmente, a consciência de classe nasce na mulher trabalhadora. É claro que tudo isso não acontece de uma hora para a outra, às vezes são necessários anos para isso e nem todas as mulheres trabalhadoras fabris são capazes de perceber suas condições com o mesmo grau de consciência, mas, apesar disso, trabalhar em uma fábrica prepara a mulher para a luta pela causa da classe trabalhadora da mesma maneira que prepara os homens.

Pastores austríacos, padres católicos belgas e suíços e muitos outros gentis cavalheiros se mantêm ocupados tentando criar leis que proíbam as mulheres de trabalhar em fábricas. Eles culpam o trabalho por afastar a mulher da família e argumentam que é prejudicial para a saúde da mulher. Tudo isso pode ser verdade, mas eles esquecem que as mulheres são levadas às fábricas pela pobreza e que aquelas que forem mandadas embora das fábricas terão que encontrar outras fontes de renda. Elas voltariam a trabalhar em casa e acabariam por se envolver na produção artesanal familiar e seriam forçadas a trabalhar ainda mais. Outra possibilidade é que elas teriam poucas opções que não vender a si mesmas. Aqueles gentis cavalheiros lamentam pela mulher trabalhadora, mas falham em perceber a posição em que ela se encontra. Também falham em entender o efeito libertado que o trabalho fabril tem na vida das mulheres. Acreditam que lutar pela causa da classe trabalhadora é maligno e que seria muito melhor para a mulher ficar em casa e não tomar papel nessa luta. As próprias trabalhadoras veem as coisas de maneira um pouco diferente. Elas se pronunciam contra a proibição de mulheres de trabalharem nas fábricas.

As mulheres normalmente têm salários menores do que os homens. Portanto, os donos das fábricas ficam muito satisfeitos em terem mulheres trabalhando nas fábricas e às vezes até substituem os homens pelas mulheres. É por isso que muitos trabalhadores

simpatizam com a ideia de se ter leis que proíbam as mulheres de trabalharem das fábricas. Eles veem as mulheres como concorrentes perigosas que reduzem o preço da mão de obra ao oferecerem seu trabalho por valores abaixo da média. Mas o que aconteceria se os trabalhadores ganhassem tal proibição? Seriam eles capazes de tomar o lugar das mulheres dispensadas? Não.

Os donos das fábricas nunca concordariam em substituir a barata mão de obra feminina por uma masculina mais custosa. Sabemos pela história da legislação fabril que quando foi introduzida a lei que limitava o uso da mão de obra infantil os empregadores não a substituíram por mão de obra adulta. Eles introduziram nova maquinaria que lhes permitira dispensar a mão de obra infantil. O mesmo aconteceria se a mão de obra feminina fosse proibida. Os empregadores iriam introduzir novas máquinas e os homens ganhariam pouquíssimas vantagens. Não, a fim de evitar o baixo salários das mulheres, os homens não devem exigir leis que as proíbam de trabalhar mas sim insistir na igualdade de remuneração para homens e mulheres. Assim os donos das fábricas não teriam motivos para preferir a mão de obra feminina à masculina.

Atualmente, os empregadores preferem o trabalho das mulheres ao dos homens não apenas por ser mais barato, mas também porque as mulheres são mais complacentes e condescendente do que os homens, e os empregadores podem explorá-las de acordo com o que desejam. Portanto, os homens devem ajudar as mulheres trabalhadoras a se organizarem, para que desperte nelas a consciência de classe, pois mulheres conscientes e organizadas serão menos receptivas às ordens dos patrões e não se permitirão serem manipuladas.

Mas se a mulher trabalhadora não concorda com a proibição da mão de obra feminina nas fábricas, então ela não pode deixar de querer leis fabris que protejam sua vida, saúde e interesses.

Representantes de sindicatos de trabalhadores de todos os países realizaram um encontro em um Congresso Internacional em 1897, em Zurique, na Suíça. Discutiram medidas referentes à saúde e à segurança em todos os países e, com relação à proteção do trabalho das mulheres, resolveram fazer campanha em todos os lugar defendendo os seguintes pontos:

- 1) Proteção legal completa e eficaz de saúde e segurança para todas as mulheres que trabalham em fábricas e pequenos escritórios, em indústrias de pequena e grande escala, em artesanato, estabelecimentos comerciais, correios, agências de telégrafo e telefone, ferrovias, remessas e outros locais, e que cubra também as

produções/negócios caseiras/familiares. Proteção completa e eficaz é definida como aquela que não existe apenas no papel, mas aquela que é de fato e efetivamente aplicada. E para que isso ocorra é preciso que haja punições severas para os donos de fábricas que não cumpram com a lei, e que haja a nomeação de uma inspeção de fábrica independente e com pessoal suficiente para garantir a implementação da lei.

- 2) O Congresso resolveu que, acima de tudo, o dia de trabalho tanto da trabalhadora fabril quanto das outras trabalhadoras não deve exceder a duração de 8 horas, sendo 44 horas por semana. O trabalho deve ser encerrado ao meio-dia aos sábados para que as mulheres possam ter garantido o descanso até a segunda-feira, um descanso de pelo menos 42 horas.
- 3) Os empresários devem ser estritamente proibidos de darem às trabalhadoras, sejam elas fabris ou de qualquer outra área, trabalho extra para levarem para casa depois que tenham completado seus turnos.
- 4) Próximo ao momento de dar à luz, as mães não podem estar envolvidas em processos de produção por um total de 8 semanas antes e depois do parto; e em todos os casos, é preciso um mínimo de seis semanas após o nascimento para serem despedidas.
- 5) Deve haver leis especiais de saúde e proteção para as mulheres que trabalham na própria vila e para as empregadas domésticas, leis que não ofereçam níveis de proteção menores do que aqueles dados para as outras categorias de trabalhadoras.
- 6) O Congresso exige que haja remuneração igualitária para mulheres e homens que exerçam o mesmo trabalho.

Então, como os/as trabalhadores/as podem assegurar a implementação das demandas feitas pelo Congresso? Ditas demandas serão discutidas publicamente, impressas e em reuniões. As demandas serão postas em petições direcionadas ao Parlamento, petições assinadas por muitas pessoas, às vezes por milhares. Os/as representantes dos/as trabalhadores/as farão as demandas ao Parlamento, para que assim as leis correspondentes sejam publicadas e, dessa forma, haja a implementação segura das demandas feitas pelo Congresso.

Aqui na Rússia não se pode abertamente discutir as condições da classe trabalhadora ou apresentar petições, além de não termos Parlamento. É risível esperar que este governo implemente as demandas do Congresso. Toda lei que favorece a classe

trabalhadora deve ser conquistada por luta, como foi o caso das leis conquistadas em 1885 e 1887, mas mesmo quando há a conquista de uma lei, as implementações são constantemente ignoradas ou às vezes nem mesmo são levadas a cabo. Para que de fato se tenha uma verdadeira proteção trabalhista, os/as trabalhadores/as devem ganhar a liberdade política, como fizeram seus irmãos e irmãs, os/as trabalhadores/as europeus/europeias. A luta política é o único caminho através do qual a classe trabalhadora conseguirá melhorias em suas condições. Na luta por melhores condições de trabalho, por liberdade política e por um futuro melhor, a mulher trabalhadora caminhará lado a lado com o homem trabalhador.